

J. R. Ward

## NA SOMBRA DO DESEJO

*Um romance da Irmandade da Adaga Negra*

*Volume IV*

Tradução

Ana Lourenço

3.<sup>a</sup> edição



# Capítulo 1



– **E**se eu te dissesse que tive uma fantasia?  
Butch O’Neal pousou o uísque e olhou para a loura que lhe falara. Contra o pano de fundo de zona VIP do ZeroSum, ela era de outro mundo, vestida com tiras abertas de couro branco, um cruzamento da Barbie e da Barbarella. Tornava-se difícil saber se era uma das profissionais do clube ou não. O Reverendo só traficava com o melhor, mas talvez ela fosse um modelo da *FHM* ou da *Maxim*.

Ela pousou as mãos na superfície de mármore da mesa e inclinou-se para ele. Os seus seios eram perfeitos, os melhores que o dinheiro podia comprar. E o sorriso era radioso, uma promessa de actos realizados com joelheiras. Paga ou não, era uma mulher que tinha muita vitamina D e gostava disso.

– Então, paizinho? – perguntou por cima da música *techno*.  
– Queres converter o meu sonho em realidade?

Ele lançou-lhe um sorriso duro. De certeza que ela iria fazer alguém muito feliz nessa noite. Provavelmente um autocarro cheio. Mas ele não iria nesse autocarro de dois andares.

– Desculpa, terás de ir provar o arco-íris noutro lado.

A total falta de reacção dela selou o assunto da sua condição de profissional. Com um sorriso vazio, flutuou até à mesa seguinte e pôs em prática a mesma inclinação e o mesmo brilho.

Butch inclinou a cabeça para trás e bebeu o resto do *Lagarvulin* que tinha no copo. O seu movimento seguinte foi fazer sinal a uma empregada. Ela não se aproximou, apenas assentiu com a cabeça e apressou-se na direcção do bar para lhe levar outro.

Eram quase três da manhã, pelo que o resto do trio chegaria dentro de meia hora. Vishous e Rhage andavam a caçar minguentes, aqueles bastardos desalmados que matavam os da sua espécie, mas provavelmente os dois vampiros chegariam ali desapontados. A guerra secreta entre os da sua espécie e a Sociedade dos Minguantes tinha estado calma todo o Janeiro e Fevereiro, com poucos matadores à solta. Isso eram boas notícias para a população civil da sua raça. E causa de preocupação para a Irmandade da Adaga Negra.

– Olá, chui. – A voz baixa masculina chegou-lhe da direita, atrás da sua cabeça.

Butch sorriu. Aquele som fazia-o sempre pensar na névoa nocturna, daquela que esconde o que nos vai matar. Ainda bem que ele gostava do lado escuro.

– Boa noite, Reverendo – disse ele sem se voltar.

– Sabia que ias rejeitá-la.

– Lês a mente?

– Às vezes.

Butch olhou por cima do ombro. O Reverendo estava entre as sombras, olhos de ametista brilhantes, moicano rente ao crânio. O seu fato preto era bonito: *Valentino*. Butch tinha um igual.

Mas o Reverendo comprara o fato com o seu próprio dinheiro. O Reverendo, também conhecido como Rehvenge, ou seja, o irmão da *shellan* de Z, Bella, era dono do ZeroSum e

retirava uma fatia de tudo o que ali ocorria. Bolas, com toda a depravação que havia à venda no clube, tinha o valor de uma montanha de dólares a entrar no seu mealheiro todas as noites.

– Ná, na verdade, ela não era para ti. – O Reverendo instalou-se no compartimento, alisando a sua gravata *Versace* com um nó perfeito. – E, além disso, sei porque disseste que não.

– Ai sim?

– Não gostas de louras.

Não, já não gostava.

– Talvez eu não tenha gostado dela.

– Eu sei o que queres.

Quando chegou o novo uísque de Butch, ele deu-lhe um tratamento vertical rápido.

– Ai sabes?

– É o meu trabalho. Confia em mim.

– Sem ofensa, mas prefiro não o fazer nisto.

– Digo-te o que vamos fazer, chui. – O Reverendo aproximou-se e cheirava magnificamente; *Cool Water*, de Davidoff, um perfume antigo mas bom. – Eu ajudo-te na mesma.

Butch deu uma palmada no pesado ombro do macho.

– Só estou interessado nas empregadas do bar, amigo. Os bons samaritanos causam-me alergia.

– Às vezes só o oposto serve.

– Então estamos com azar. – Butch indicou com a cabeça a multidão meio nua que se contorcia com doses de X e de cocaína. – Aqui toda a gente parece igual.

Engraçado, durante os seus anos no Departamento de Polícia de Caldwell, o ZeroSum tinha sido um enigma para ele. Toda a gente sabia que o lugar era um antro de drogas e sexo. Mas ninguém no departamento fora capaz de reunir provas suficientes para conseguir um mandado de busca, embora se pudesse

entrar qualquer noite da semana e ver as dezenas de infracções à lei, a maior parte deles a acontecer em simultâneo.

Mas agora que Butch andava com a Irmandade, sabia porquê. O Reverendo tinha muitos pequenos truques na manga quando se tratava de alterar a percepção das pessoas sobre acontecimentos e circunstâncias. Como vampiro, podia limpar as memórias de qualquer humano, manipular as câmaras de segurança e desmaterializar-se à vontade. O homem e o seu negócio eram um alvo móvel que nunca se movia.

– Diz-me uma coisa – pediu Butch –, como consegues que a tua aristocrática família não saiba deste pequeno trabalho nocturno que tens?

O Reverendo sorriu de forma a mostrar a ponta das presas.

– Diz-me tu uma coisa, como é que um humano conseguiu envolver-se tanto com a Irmandade?

Butch inclinou o copo com deferência.

– Às vezes o destino leva-nos por caminhos fodidos.

– Isso é verdade, humano. Uma grande verdade. – Quando o telemóvel de Butch tocou, o Reverendo levantou-se. – Vou mandar-te qualquer coisa.

– Se não for uísque não quero, pá.

– Vais retirar o que disseste.

– Duvido. – Butch pegou no seu *Motorola Razr* e abriu-o.

– O que se passa, V? Onde estás?

Vishous respirava como um cavalo de corrida e ao fundo ouvia-se uma cacofonia de imprecações.

– Merda, chui. Temos problemas.

A adrenalina invadiu Butch, iluminando-o como uma árvore de Natal.

– Onde estás?

– Nos subúrbios, e temos um problema. Os malditos mata-dores começaram a caçar civis nas suas casas.

Butch levantou-se de um salto.

– Vou já...

– Uma ova é que vens. Fica aí. Só te liguei para não pensares que estávamos mortos quando não aparecêssemos. Até logo.

A chamada caiu.

Butch voltou a afundar-se no assento. Na mesa próxima da sua, um grupo de pessoas irrompeu numa explosão de gargalhadas alegres.

Butch examinou o copo. Há seis meses, não tinha nada na vida. Nenhuma mulher. Nem família próxima. Nem uma casa de que falar. E o seu trabalho como detective de homicídios estivera a comê-lo vivo. A seguir fora detido por brutalidade policial. Juntara-se à Irmandade através de uma estranha série de eventos. Conhecera a única mulher que o tinha feito ficar de boca aberta. E também tivera uma renovação total do guarda-roupa.

Pelo menos, esta última entrava na categoria das coisas boas.

Durante algum tempo, a mudança tinha sido uma grande máscara da realidade, mas ultimamente ele notara que, apesar de todas aquelas diferenças, estava onde sempre estivera: não mais vivo do que quando se encontrara a apodrecer na sua antiga vida. Ainda era dos que observavam do lado de fora.

Acabou o uísque, pensou em Marissa e imaginou-a, o seu cabelo louro comprido até à cintura. A sua pele pálida. Os seus olhos azul-claros. As presas.

Sim, chegava de louras para ele. Não conseguia sequer sentir-se atraído sexualmente pelas mulheres de cabelo claro.

Ah, demónios, que se lixassem as cores do cabelo. Não era como se qualquer mulher naquele clube ou à face da terra pudesse

comparar-se com Marissa. Era pura como o cristal a refractar a luz e a vida à volta dela melhorava, animava-se, iluminada pela sua graça.

Merda. Era um tolo.

Só que, pá, ela era tão adorável! Durante o curto espaço de tempo em que parecera sentir-se atraída por ele, Butch tivera esperança de poder chegar a algo. Mas em seguida Marissa desaparecera. O que, claro, provava que era inteligente. Ele não tinha muito a oferecer a uma fêmea como ela e não só por ser apenas um humano. Estava à experiência à margem do mundo da Irmandade, incapaz de lutar a seu lado devido ao que era, incapaz de voltar ao mundo dos humanos porque sabia demasiado. E a única forma de sair daquele deserto intermédio era com uma etiqueta no dedo grande do pé.

Era um bom partido não era?

Com outro acesso de alegria, o grupo do lado soltou uma nova descarga de hilaridade e Butch observou-os. No centro da festa encontrava-se um lourinho num fato elegante. Parecia ter uns quinze anos, mas durante o último mês fora um cliente assíduo da zona VIP, espalhando notas à sua volta como confetes.

Obviamente, o tipo compensava as suas deficiências físicas através do uso da carteira. Outro exemplo do verde a tornar-se dourado.

Butch acabou o uísque, chamou a empregada e olhou para o fundo do copo. Merda. Depois de quatro duplos, não se sentia nada tonto, o que indicava como estava a sua tolerância ao álcool. Era, claramente, um alcoólico diplomado, concluía o treino para principiantes.

E como não ficou aborrecido ao dar-se conta do ocorrido, percebeu que tinha deixado de andar sobre a água. Agora estava a afundar-se.



Bom, que não dissessem que não era a alegria personificada esta noite.

– O Reverendo diz que precisas de uma amiga.

Butch nem sequer se deu ao trabalho de olhar para a mulher.

– Não, obrigado.

– Porque não olhas primeiro para mim?

– Diz ao teu chefe que aprecio a sua... – Butch olhou para cima e fechou a boca de repente.

Reconheceu de imediato a mulher, mas, por outro lado, a chefe de segurança do ZeroSum era inesquecível. Devia medir um metro e oitenta. Cabelo negro-azeviche cortado como o de um homem. Olhos cinzento-escuros como o cano de uma caçadeira. Com a camisola de alças que vestia, revelava a parte superior do corpo de uma atleta, todo músculo, veias e nada de gordura. A impressão que dava era que podia quebrar ossos e gostar de o fazer, e Butch olhou distraidamente para as mãos dela. De dedos compridos. Fortes. Do género de poderem magoar.

Santo Deus... ele gostaria de ser magoado. Nessa noite, para variar, gostaria que lhe doesse o exterior do corpo.

A mulher esboçou um pequeno sorriso, como se soubesse o que ele estava a pensar, e ele apercebeu-se do brilho das presas. Ah... então não era uma mulher. Era uma fêmea. Um vampiro.

O Reverendo tinha razão, o filho da mãe. Aquela serviria, porque era tudo o que Marissa não era. E porque era o tipo de sexo anónimo que Butch tivera durante toda a sua vida adulta. E porque era precisamente o tipo de dor que procurava sem dar por isso.

Quando enfiou uma mão dentro do casaco do fato *Ralph Lauren Black Label*, a fêmea abanou a cabeça.

– Não o faço por dinheiro. Nunca. Considera-o um favor a um amigo.

– Não te conheço.

– Tu não és o amigo a que me refiro.

Butch olhou para trás dela e viu Rehvenge a observá-lo do outro lado da zona VIP. O macho dirigiu-lhe um sorriso satisfeito, depois desapareceu no seu escritório.

– Ele é um bom amigo – murmurou a fêmea.

– Oh, com efeito. Como te chamas?

– Não é importante. – Estendeu-lhe a mão. – Anda, Butch, aliás Brian, de apelido O’Neal. Vem comigo. Esquece por um momento o que te faz engolir esses tragos de *Lagavulin*. Prometo que toda essa autodestruição estará à tua espera quando voltares.

Oh, pá, realmente não estava com disposição de averiguar quanto sabia a seu respeito.

– Porque não me dizes primeiro o teu nome?

– Esta noite podes chamar-me Symphathy. O que achas?

Olhou-a da cabeça aos pés. Usava calças de cabedal. Não o surpreendeu.

– Por acaso tens duas cabeças, Symphathy?

Ela riu-se, um som grave e rico.

– Nem sou hermafrodita. O teu não é o único sexo que pode ser forte.

Olhou fixamente para os olhos cinzentos. Em seguida para a casa de banho privativa. Céus... aquilo era tão familiar. Uma rapidinha com uma desconhecida, um choque insignificante entre dois corpos. Aquela merda fora o toma lá dá cá da sua vida sexual desde que se recordava... mas não se recordava de ter sentido antes aquele tipo de desespero.

Fosse como fosse, iria realmente permanecer celibatário até à sua morte quando o fígado deixasse de funcionar? Só porque uma fêmea que ele não merecia não o queria?

Olhou para baixo, para as calças. O seu corpo estava desejoso. Pelo menos essa parte da equação funcionava.

Butch levantou-se do banco, o peito tão frio como o chão no Inverno.

– Vamos.

Com um encantador som de violinos, a orquestra de câmara passou para uma valsa e Marissa viu a multidão reluzente entrar no salão de baile. À sua volta, machos e fêmeas juntavam-se, as mãos uniam-se, os corpos encontravam-se, os olhares prendiam-se. A mistura de uma dezena de diferentes variações de aromas de ligação enchia o ar com uma doce fragrância.

Respirou pela boca, tentando não inalar tanto.

Embora fugir tivesse sido inútil, era assim que funcionavam as coisas. Apesar de a aristocracia se orgulhar dos seus modos e do seu estilo, a *glymera* estava, afinal de contas, sujeita às verdades biológicas da raça: quando os machos acasalavam, a sua possessividade tinha um aroma. Quando as fêmeas aceitavam acasalar, usavam essa obscura fragrância na sua pele com orgulho.

Ou, pelo menos, Marissa assumia que era com orgulho.

Dos cento e vinte e cinco vampiros no salão de baile do seu irmão, ela era a única fêmea sem companheiro. Havia um grupo de machos sem parceira, mas não a iriam convidar para dançar. Para aqueles *princeps*, era melhor ficar fora da valsa ou levar as mães ou as irmãs para a pista do que aproximarem-se dela.

Não, era eternamente indesejada e, enquanto um par dava voltas à sua frente, ela baixou o olhar por educação. A última coisa de que precisava era que tropeçassem um no outro ao evitarem olhá-la nos olhos.

Enquanto a sua pele encolhia, não conseguia perceber por que motivo nessa noite a sua qualidade de espectadora lhe parecia especialmente agonizante. Pelo amor de Deus, nenhum membro da *glymera* a olhara nos olhos durante quatrocentos anos e ela estava habituada a isso: de início tinha sido a não desejada *shellan* do Rei Cego. Agora era a sua *ex-shellan* não desejada, que fora superada pela sua amada rainha mestiça.

Talvez ela estivesse finalmente farta de se encontrar do lado de fora.

Com as mãos a tremer e os lábios apertados, levantou a saia pesada do vestido e dirigiu-se para o grande arco do salão de baile. A salvação estava precisamente ali fora no vestíbulo e ela empurrou a porta da sala de descanso das senhoras com uma prece. O ar que a saudou cheirava a junquinhos e perfume e dentro do seu abraço invisível existia... apenas silêncio.

Graças à Virgem Escrivã.

A sua tensão diminuiu um pouco enquanto ela entrava e olhava em volta. Sempre considerara aquela casa de banho na mansão do irmão como um luxuoso balneário para debutantes. Decorada com motivos da Rússia czarista, a sala vermelho-sangue e a área de vestir estavam equipadas com dez cómodas a condizer, cada estação de maquilhagem contendo tudo o que uma fêmea podia querer para melhorar a sua aparência. Estendendo-se atrás do aposento estavam as casas de banho privadas, todas decoradas no esquema de um ovo *Fabergé* diferente da vasta colecção do irmão.

Perfeitamente feminino. Perfeitamente adorável.

De pé, no meio daquilo tudo, quis gritar.

Em vez disso, mordeu o lábio e inclinou-se para examinar o cabelo num dos espelhos. O peso louro, que lhe dava pelo fundo das costas quando estava solto, fora apanhado com pre-

cisão de relojoeiro no cimo da cabeça e o *chignon* parecia estar a aguentar-se bem. Mesmo depois de várias horas, tudo continuava no lugar, os fios de pérolas entretecidos pela sua *doggen* exactamente onde tinham estado quando ela descera para o baile.

Por outro lado, estar parada à margem não tinha realmente posto à prova aquele trabalho.

Mas o seu colar estava de novo torto. Tirou o colar de pérolas de várias voltas para pô-lo no pescoço de forma a que a última gota, uma taitiana de vinte e três milímetros, apontasse directamente para os seus pequenos seios.

O vestido cinzento-pomba era um clássico *Balmain*, um dos que comprara em Manhattan na década de 1940. Os sapatos eram novos, *Stuart Weitzman*, embora ninguém pudesse vê-los escondidos sob a saia até aos pés. O colar, brincos e punhos eram *Tiffany*, como sempre: quando o pai descobrira o grande Louis Comfort no final do século XIX, toda a família se tornara cliente leal da empresa e assim permanecera.

Era a marca registada da aristocracia, não era? Constância e qualidade em todas as coisas, mudança e defeitos saudados com desaprovação.

Endireitou-se e afastou-se até se poder ver de corpo inteiro desde o outro lado do aposento. A imagem que lhe devolveu o olhar era irónica: o seu reflexo era a absoluta perfeição feminina, uma beleza improvável, que parecia esculpida, não natural. Alta e magra, o seu corpo era composto por ângulos delicados, e o seu rosto era absolutamente sublime, uma combinação perfeita de lábios, olhos, pómulos e nariz. A pele que cobria tudo isso era de alabastro. Os olhos de um azul-prateado. O sangue nas suas veias era um dos mais puros da espécie.

E no entanto ali estava ela. A fêmea abandonada. A que fora deixada para trás. A indesejada, defeituosa, solteirona vir-

gem que nem mesmo um guerreiro de raça pura como Wrath pudera suportar sexualmente *uma vez*, ainda que só para a livrar de ser uma *newling*. E, graças à sua repugnância, ficaria para sempre sem companheiro, embora tivesse estado com Wrath o que parecera uma eternidade. Tinha de se ser tomada para se ser considerada *shellan* de alguém.

O fim da relação fora uma surpresa e não fora uma surpresa. Para ninguém. Apesar de Wrath ter declarado que ela o deixara, a *glymera* sabia a verdade. Estivera intacta durante séculos, sem nunca ter usado o aroma da ligação do rei, sem nunca ter passado um dia sozinha com ele. Por outro lado, nenhuma fêmea deixara Wrath voluntariamente. Ele era o Rei Cego, o último vampiro de raça pura do planeta, um grande guerreiro e um membro da Irmandade da Adaga Negra. Não havia ninguém mais elevado do que ele.

A conclusão entre a aristocracia? Algo tinha de estar errado com ela, o mais provável escondido sob a sua roupa, e essa deficiência era provavelmente de natureza sexual. Por que outra razão um guerreiro de sangue quente não sentira qualquer impulso erótico em relação a ela?

Respirou fundo. Outra vez. E outra.

O aroma de flores recém-cortadas invadiu o seu nariz, a doçura cresceu, tomando o controlo, substituindo o ar... até estar só a fragrância a entrar nos seus pulmões. A sua garganta pareceu fechar-se, como a querer lutar contra aquele assalto, e ela puxou o colar. Apertado... estava tão apertado no seu pescoço. E pesado... como se houvessem mãos a estrangulá-la... Abriu a boca para respirar, mas não ajudou. Os seus pulmões estavam obstruídos pelo fedor das flores, revestidos por ele... estava a sufocar, a afogar-se, embora não se encontrasse na água...

Com as pernas frouxas, caminhou até à porta, mas não foi capaz de enfrentar os pares dançantes, aquelas pessoas que se definiam excluindo-a. Não, não podia deixar que a vissem... iriam perceber quão alterada estava. Veriam o difícil que aquilo era para ela. Então desprezá-la-iam ainda mais.

O seu olhar percorreu a sala de descanso das senhoras, saltando de objecto em objecto, fugindo de todos os espelhos. Tentou freneticamente... o que estava a fazer? Onde podia... ir?... ao quarto, no piso de cima... tinha de... oh, Deus... *não conseguia respirar*. Ia morrer ali, ali e agora, porque a sua garganta fechava-se como um punho.

Havers... o irmão... precisava de chegar a ele. Ele era médico... iria ajudá-la... mas o seu aniversário ficaria arruinado. *Arruinado*... por causa dela. Tudo arruinado por causa dela... Era tudo culpa dela... tudo. Toda a vergonha que produzia era culpa sua... Graças a Deus os pais estavam mortos há muito e não tinham visto o que... ela era...

Ia vomitar. Ia definitivamente vomitar.

Com as mãos trémulas e as pernas como pudim, cambaleou até uma das casas de banho e trancou-se por dentro. Deteve-se no lavatório, abrindo a torneira para abafar o barulho no caso de alguém entrar. Depois caiu sobre os joelhos e inclinou-se sobre a sanita de porcelana.

Teve ânsias de vômito e a sua garganta contraiu-se com as náuseas secas, saindo apenas ar. O suor brotou inesperadamente na sua frente, debaixo das axilas e entre os seios. Com a cabeça às voltas e a boca aberta lutou por ar enquanto pensava que ia morrer e não teria ninguém que a ajudasse, que arruinaria a festa do irmão, que era um objecto detestado que fervilhava de abelhas... abelhas na sua cabeça, zumbindo, picando... causando-lhe a morte... pensamentos como abelhas...

Marissa começou a chorar, não porque pensava que iria morrer, mas porque sabia que não era assim.

Céus, os ataques de pânico tinham sido brutais nos últimos meses, a sua ansiedade um acoessor de forma sólida cuja persistência nunca se esgotava. E, sempre que tinha uma recaída, a experiência era uma nova e horrível revelação.

Com a cabeça entre as mãos, soluçou roucamente, as lágrimas correndo pelo seu rosto para ficarem presas nas pérolas e diamantes que tinha ao pescoço. Estava tão sozinha. Encurralada numa bela e endinheirada fantasia de pesadelo, onde o papão vestia *smoking* e os abutres se precipitavam com asas de cetim e seda para picar-lhe os olhos.

Respirou fundo e tentou controlar a sua respiração. *Calma... tem calma agora. Estás bem. Já fizeste isto antes.*

Ao fim de algum tempo, baixou os olhos para a sanita. Esta era de ouro sólido e as suas lágrimas tinham feito a superfície da água ondular como se ali brilhasse a luz do Sol. Abruptamente, deu-se conta de que os azulejos eram duros sob os seus joelhos. E de que o corpete lhe magoava as costas. E de que a sua pele estava fria e húmida.

Levantou a cabeça e olhou em volta. Bem, quem diria. Escolhera a sua câmara privada preferida para se ir abaixo, a que era inspirada no ovo dos Lírios do Vale. Quando se sentou sobre a tampa da sanita, viu-se rodeada por paredes de um tom rosa intenso pintadas à mão com heras verdes e pequenas flores brancas. O chão, a bancada e o lavatório eram de mármore rosa com veios brancos e cremes. Os candeeiros eram dourados.

Muito bonito. Um fundo realmente perfeito para um ataque de ansiedade. Mas, na verdade, ultimamente o pânico dava com tudo, não era? O novo preto.



Marissa obrigou-se a levantar-se, fechou a torneira e deixou-se cair em cima da pequena cadeira coberta de seda ao canto. O vestido acomodou-se à sua volta como se fosse um animal a espreguiçar-se agora que o drama tinha passado.

Olhou-se ao espelho. Tinha o rosto manchado, o nariz vermelho. A maquiagem arruinada. O cabelo um desastre.

Era assim que se via no seu interior, pelo que não estranhava que a *glymera* a menosprezasse. De alguma forma, sabiam que aquele era o seu eu verdadeiro.

Deus... talvez tivesse sido por isso que Butch não a quisera...

*Oh, raios, não!* A última coisa de que precisava era pensar nele nesse momento. O que tinha de fazer era arranjar-se o melhor possível e a seguir fugir para o seu quarto. Claro, esconder-se era pouco apelativo, mas ela também era pouco apelativa.

No momento em que levantou a mão para o cabelo, ouviu abrir-se a porta da sala, a música de câmara em crescendo, para a seguir diminuir quando a porta se fechou.

Bestial. Agora estava presa. Mas talvez fosse apenas uma fêmea, pelo que não teria de se preocupar sobre estar a ouvir às escondidas.

– Não posso acreditar que sujei o meu lenço, Sanima.

Muito bem, então agora era uma coscuvilheira bem como uma covarde.

– Mal se nota – disse Sanima. – Embora, graças à Virgem, o tenhas notado antes de qualquer outra pessoa. Vamos entrar e lavá-lo com um pouco de água.

Marissa sacudiu a cabeça para se concentrar. *Não te preocupes com elas, arranja mas é o cabelo. E, por amor da Virgem, faz algo a esse rímel. Pareces um guaxinim.*

Agarrou num pano e molhou-o silenciosamente enquanto as duas fêmeas entravam no pequeno aposento em frente. Claro que deixaram a porta aberta – as suas vozes não se tinham atenuado.

– E se alguém viu?

– Chiu... tira o lenço... oh, meu Deus. – Ouviu-se uma gargalhada. – O teu pescoço.

A voz da fêmea mais jovem converteu-se num sussurro extasiado.

– Foi o Marlus. Desde que acasalámos o mês passado, ele tem estado...

Agora o riso era partilhado.

– Ele procura-te muitas vezes durante o dia? – O tom reservado de Sanima parecia deleitado.

– Oh, sim. Quando disse que queria os nossos quartos ligados, não soube porquê. Agora, sei. Ele é... insaciável. E... não quer apenas alimentar-se.

Marissa deteve-se com o pano debaixo do olho. Só uma vez tinha conhecido a fome de um macho por ela. Um beijo, só um... e acarinhava a memória. Ira morrer virgem e aquele breve contacto de bocas era tudo o que teria de índole sexual.

Butch O'Neal. Butch beijara-a com... *Pára com isso.*

Passou a ocupar-se do outro lado do rosto.

– É maravilhoso estar recentemente acasalada. Mas não debes deixar ninguém ver estas marcas. Estragam-te a pele.

– Por isso me apressei a vir aqui. O que teria acontecido se alguém me dissesse para tirar o lenço por causa do vinho que entornei? – Aquilo foi dito com o tipo de horror normalmente reservado para acidentes que envolviam facas.

Embora, conhecendo a *glymera*, Marissa pudesse entender muito bem o motivo de tentar evitar chamar a atenção.

Largou o pano, tentou ajeitar o cabelo... e deu-se por vencida a respeito de evitar pensar em Butch.

Céus, teria adorado ter de esconder as marcas dos seus dentes dos olhos da *glymera*. Teria adorado guardar o delicioso segredo debaixo daqueles vestidos civilizados que usava de que o seu corpo conhecia o sexo puro. E teria adorado usar o aroma da sua ligação a um macho na pele, enfatizando-o, como faziam as fêmeas acasaladas, através da escolha de um perfume que o complementasse.

Mas nada disso iria acontecer. Por um lado, pelo que ouvira dizer, os humanos não acasalavam. E, ainda que o fizessem, Butch O'Neal afastara-se da última vez que a vira, portanto, já não estava interessado nela. Provavelmente, porque ouvira falar das suas deficiências. Como era muito chegado à Irmandade, não havia dúvida de que agora sabia todo o tipo de coisas sobre ela.

– Está aí alguém? – perguntou Sanima.

Marissa praguejou baixinho e calculou que tinha suspirado. Deixou de lado o cabelo e o rosto e abriu a porta. Quando saiu, as duas fêmeas olharam para baixo, o que naquela ocasião foi uma boa coisa. O seu cabelo parecia um descarrilamento de comboio.

– Não se preocupem. Não direi nada – murmurou ela. Nunca se podia falar de sexo em lugares públicos. Na verdade, também não nos privados.

As duas fizeram uma vénia respeitosa e não responderam enquanto Marissa saía.

Assim que saiu da sala de descanso, sentiu mais olhares afastarem-se dela, todos os olhos a voltarem-se para outro lado... especialmente os dos machos por acasalar que fumavam charutos a um canto.

Antes de virar as costas ao baile, detectou o olhar de Havers na multidão. Ele assentiu com a cabeça e sorriu tristemente, como se soubesse que ela não aguentava ficar ali nem mais um momento.

*Querido irmão*, pensou ela. Sempre a apoiara e nunca demonstrara sentir vergonha daquilo em que ela se tornara. Tê-lo-ia amado por terem os mesmos pais, mas adorava-o essencialmente pela sua lealdade.

Com um último olhar na direcção da *glymera* em toda a sua glória, foi para o quarto. Depois de um duche rápido, mudou de roupa enfiando um vestido comprido mais simples e sapatos mais baixos; a seguir desceu as escadas das traseiras.

Podia lidar com o estar intacta e não ser desejada. Se esse era o destino que a Virgem Escrivã escolhera para ela, que assim fosse. Havia vidas muito piores e, lamentar-se pelo que lhe fazia falta, considerando tudo o que tinha, era aborrecido e egoísta.

O que não podia suportar era não ter um objectivo. Graças a Deus tinha uma posição no Conselho dos *Princeps* e o seu lugar estava assegurado devido à sua linhagem de sangue. Mas também havia outra forma de deixar uma marca positiva no mundo.

Enquanto introduzia um código e abria uma porta de aço, invejou os pares que dançavam na outra ponta da mansão e, provavelmente, sempre invejaria. Mas esse não era o seu destino.

Tinha outros caminhos para percorrer.